

EDITORIAL

Após um longo período de hibernação, a Magma ressurge com um novo volume de artigos. O íterim pelo qual a revista passou deve-se a uma série de reformulações não só ligadas a seu funcionamento interno, como também institucionais. A mudança mais importante é a que agora a Magma passa a circular em formato digital, participando do sistema integrado de publicações da Universidade de São Paulo, o que facilitará não só o acesso aos artigos, como também a divulgação de editais de chamada. Com isso, espera-se que a periodicidade da revista se torne mais frequente e regular, permitindo que mais mestrandos e doutorandos vejam seus trabalhos em circulação e debate, cumprindo com sua função de revista acadêmica dos alunos de pós-graduação.

Nesta edição, trazemos um conjunto bastante heterogêneo de assuntos e linhas teóricas, ainda que não seja difícil enxergar problemáticas que esses trabalhos partilham, compondo um pequeno mural das investigações elaboradas por diversos departamentos de literatura. A revista traz um detalhado estudo de Bruno Moreto que fornece contribuições para o entendimento das linhas de força dispostas no século XIX francês a partir de um escritor cuja importância ainda não tenha sido de todo mapeada: Théophile Gautier. Se o haxixe teve um papel fundamental para o procedimento “iluminação profana” que caracterizou autores como Rimbaud, Lautréamont e Apollinaire, tal como apontava Walter Benjamin, então o texto de Bruno Moreto nos permite pensar que talvez devêssemos remontar a *Le Club des Hachichins* para encontrar as raízes dessa ligação entre literatura e embriaguez.

É com igual potencial para a teoria desenvolvida pela Escola de Frankfurt que Jakeline Fernandes Cunha lê inesperadamente as cartas e os prefácios a *Macunaíma* de Mário de Andrade à luz dos preceitos desenvolvidos por Theodor Adorno em torno da forma “ensaio”. Ao analisar esses textos “periféricos”, que, no entanto,

constituíram espaços privilegiados para a discussão dos modernistas brasileiros, Jakeline foi capaz de encontrar exemplos da “liberdade do espírito” e demonstração de consciência estética no que se refere a “resistências dos materiais” envolvidas no projeto de identidade nacional andradino – dois pontos fundamentais que Adorno destaca em seu ensaio sobre o ensaio.

Esse também será o caso da pesquisa elaborada por Emmanuel Santiago, em que retorna à novela “Cara-de-bronze” de João Guimarães Rosa para mostrar como sua estrutura tem origem na tensão gerada pela inserção súbita e violenta do Brasil no capitalismo industrial, materializada pelo ponto de vista rural em confronto com o processo de urbanização iminente.

A busca por uma tradição, ainda que em contextos e tempos absolutamente diferentes – no caso, a Escócia do século XVIII –, também aparece no texto de Thyago Rhys Bezerra Cass. Esse defende que o recurso empregado por James Macpherson, ao criar as pseudo-traduições de poema atribuídos a Ossian, funda um novo gênero, o primitivismo, situado entre o épico e o lírico. Thyago Cass propõe-se então a recuperar as repercussões dessa criação na história da literatura desse país.

As estratégias envolvendo os dispositivos de autor e de autoridade também estão no foco de Caio Gagliardi que renova a leitura de um texto fundacional de Roland Barthes – “A morte do autor” – para mapear os procedimentos de construção e refutação da noção de subjetividade ali implicada, trançando-a até suas consequências mais recentes: as questões envolvendo a comunicabilidade da poesia e a falência da crítica.

Na fusão dos gêneros também se encontra o debate posto por Rafael Vogt Maia Rosa, que aponta a dificuldade de situar o lugar de construção, entre o cinema e o teatro, de *A Noite* de Harold Pinter. Nesse ensaio, é interessante notar como a peça incorpora a discussão crítica dos elementos que ela própria emprega, apontando para os efeitos de distração e alienação proporcionados pelo cinema, que se apresentará principalmente no modo como os personagens conduzem sua sexualidade no palco.

Este número ainda conta com importantes contribuições na área de tradução, oferecendo ao público brasileiro inéditos de dois grandes escritores. O primeiro é Pier Paolo Pasolini (1922-1975), vertido ao português por Aline Buaes, com dois textos representativos da visão que o cineasta italiano teve de dois polos completamente opostos: o capitalismo norte-americano e o comunismo ao qual foi filiado. O outro é o escritor abkhaziano de expressão russa Fazil Iskander (1929-), em tradução direta de Gabriela Soares. Inédito e ainda pouco divulgado no Brasil, Iskander foi um dos grandes escritores a surgirem no período do “degelo” soviético, durante as décadas de 1950-60, e hoje é reconhecido como uma das vozes mais importantes da Rússia contemporânea. Seu lirismo e humor se fazem sentir nesse belíssimo “Um conto sobre o mar”.

Além disso, temos uma seleção de jovens poetas, Renan Nuernberger, Acauam Oliveira e José Virgínio, na parte de criação.

Para abrir esta Magma, trazemos uma entrevista com ninguém menos que Augusto de Campos. Nela, o poeta faz um balanço do legado do concretismo, relembra os debates com Roberto Schwarz e outros, além de fazer alguns apontamentos sobre o estado atual da literatura brasileira.

Desejamos assim uma boa leitura a todos e esperamos as contribuições para o próximo número da revista.

COMISSÃO EDITORIAL